



**Abel Hovelacque e a escola de Linguística
Naturalista: a desigualdade das línguas pode nos
levar a concluir uma relação com a desigualdade
das raças?**

**Abel Hovelacque and the Naturalistic Linguistics
school: can the inequality of languages lead us to
concluding a relationship with the inequality of
races?**

Piet Desmet*

K.U. LEUVEN - BÉLGICA

Tradutores

Daiany Bonácio**

UEL

Felipe Augusto Guelfi***

UEL

Resumo: Na medida em que a hipótese da desigualdade das raças, bem como a da desigualdade das línguas, foi bastante difundida no século XIX, é legítimo perguntar como se concebe a eventual relação entre as classificações étnicas e linguísticas. Broca, da sua parte, conclui que os dados físicos para as pesquisas antropológicas são preponderantes e atribui apenas um papel secundário à linguística. Renan, por outro lado, parte da ideia de que a história humana é determinada muito mais por fatores culturais e espirituais do que por elementos puramente biológicos e físicos. A análise dos escritos de Abel Hovelacque (1843-

1896) e da escola de linguística naturalista revelará que há também uma terceira maneira de abordar o problema em questão. Hovelacque atribui, de fato, uma importância semelhante aos traços físicos e aos traços linguísticos. Ele classifica a linguística como ciência natural e concebe a língua como um organismo vivo.

Palavras-chave: Linguística naturalista, Linguística antropológica, As línguas e as raças, Origem da linguagem, Desigualdade entre línguas, Classificação das línguas.

Abstract: *Since the hypothesis of the inequality between the races as well as the one of the inequality between languages were fairly widespread in the 19th century, it is legitimate to ask how a possible relationship between the ethnic and linguistic classifications was conceived. Broca, for instance, concludes that physical data preponderate in anthropological research and he only attaches secondary importance to linguistic information. Renan, on the other hand, starts from the idea that human history has been determined to a higher extent by cultural and spiritual than by merely biological and physical factors. An analysis of the writings of Abel Hovelacque (1843 – 1896) and of the school of “naturalist” linguistics shows us that there is also a third way of addressing that problem. Indeed, Hovelacque attaches a similar importance to physical and to linguistic characteristics. He classifies linguistics as a natural science and conceives of language as a living organism.*

Keywords: *Naturalist linguistics, Anthropological linguistics, Language and race, The origin of language, Inequality between languages, Language classification.*

Apresentação à tradução – Nota dos tradutores

A seguir, apresentamos a tradução do artigo francês de Piet Desmet intitulado “*Abel Hovelacque et l’école de linguistique naturaliste: l’inégalité des langues permet-elle de conclure à l’inégalité des races?*” o qual trata sobre uma questão pertinente para muitos linguistas que estudam o século XIX: havia uma hipótese muito difundida na época,

que consistia em observar se a desigualdade das línguas poderia mostrar uma relação com a desigualdade das raças. Essa hipótese circulava por meio do aforismo: tal língua, tal raça. Para tratar dessa questão, Desmet (2007) traz diferentes visões sobre o assunto representadas por Paul Broca (1824-1880), Ernest Renan (1823-1892) e Abel Hovelacque (1843-1896) e busca compreender essa relação e como ela ocorre.

O estudo de Desmet trata de questões que permearam o século XIX. Nessa época, os estudos do médico antropólogo Paul Broca defendiam que os dados físicos e biológicos eram preponderantes e que a linguística tinha apenas um papel secundário para definir a desigualdade racial. Broca, nesse sentido, não defendia que a desigualdade das línguas apontava para uma desigualdade das raças. Por outro lado, os estudos de Ernest Renan defendiam que a história humana era muito mais determinada por fatores culturais e espirituais do que por fatores biológicos e físicos. De acordo com Desmet (2007), Hovelacque e o discurso da escola de linguística naturalista entram nessa disputa para revelar que havia uma terceira maneira de abordar a questão: Hovelacque defendia que tantos os traços físicos e biológicos quanto os traços linguísticos exerciam a mesma influência na desigualdade das raças. Desmet (2007), buscando compreender essa hipótese, analisa como Abel Hovelacque concebeu a relação entre línguas e raças de uma forma diferente do que estava propondo autores como Renan e Broca.

A nosso ver, discussões como essas apontam, de uma forma embrionária, para o início da mudança de rumo nos estudos linguísticos, uma vez que Hovelacque tem uma visão amadurecida do assunto, quando propõe que se olhe tanto para as características biológicas quanto para as características culturais em relação à desigualdade das raças.

Hovelacque pertence à escola naturalista francesa que defende a língua como um organismo vivo e a ciência linguística como pertencente à ciência natural. É sabido que essa concepção de língua não foi adiante e que a ciência linguística foi concebida como pertencente às ciências humanas. Contudo, é interessante observar como foram as lutas epistemológicas para que a concepção de língua que conhecemos pudesse se estabelecer.

Estamos falando de um momento em que linguagem e raça são colocadas em um mesmo patamar por alguns autores e o estudo da

linguagem era concebido como pertencente às ciências naturais, em que se colocava a língua como parte da história natural: ela evoluía na medida em que os outros elementos da natureza também evoluíam. Tudo era concebido dentro de uma história contínua. Para romper com visões de linguagem como essas, foi necessário o corte epistemológico feito por autores como William Whitney e Ferdinand de Saussure. O interessante nesse estudo de Desmet é que podemos vislumbrar como se deu essa saída dos estudos da língua dos estudos naturalistas para se estabelecer como ciência autônoma.

A tradução do artigo que segue é um dos resultados do projeto de pesquisa “Tradução, Arquivo e Memória Discursiva: uma dimensão constitutiva da significação para as Ciências da Linguagem” desenvolvido na UEL – Universidade Estadual de Londrina, o qual buscou, dentro outros objetivos, compreender porque a proposta naturalista foi ocultada/desprestigiada na constituição de uma linguística moderna. Projetos como esse, contribuem com os estudos da História das Ideias Linguísticas no Brasil, principalmente pela ampliação e circulação de documentos históricos e pela criação de instrumentos linguísticos.

Daiany Bonácio
Felipe Augusto Guelfi

1. Introdução

A utilização de critérios linguísticos para criar classes dentro da espécie humana remonta pelo menos à antiguidade. Basta lembrar, por exemplo, que os gregos antigos usavam o termo *Bárbaros*, que significa “pessoa que fala uma língua incompreensível” para designar outros povos que não pertenciam à civilização grega. Contudo, os gregos não fizeram esta distinção inspirados em um sentimento de superioridade com base biológica ou racial. Para eles, a distinção foi feita com base em razões culturais ou socioeconômicas que não são definitivas; bastava aprender a língua grega e apropriar-se da cultura para acabar com a discriminação.

É no século XVIII e, especialmente, no século XIX que se vai classificar e hierarquizar a espécie humana em termos de raças. Vemos aparecer rapidamente as formas de racismo biológico. Testemunhamos

a criação do mito da raça ariana pura, que seria superior tanto biologicamente quanto cultural e moralmente, o que legitimaria a dominação e os privilégios da raça em questão. Em 1853-1855, o conde Arthur Gobineau popularizou a ideia de pensar o mundo em termos de raças em um livro, agora famoso, mas quase desconhecido dos seus contemporâneos, *Essai sur l'inégalité des races humaines*. É fato que Gobineau não estabeleceu uma raça absolutamente superior entre as três categorias distintas (isto é, negros, brancos e amarelos) e também que ele atribuiu à raça negra impulsos originalmente estéticos; sua doutrina, no entanto, não está livre de elementos racistas, pois se opõe à mistura de raças que seriam responsáveis pelo declínio da humanidade. A partir desta ideia de salvar a pureza das raças, deslizamos facilmente à suposição (na verdade muito mais antiga) da desigualdade hereditária das raças.

Desde o início do século XIX, um movimento classificatório e hierárquico de paralelização está emergindo na linguística, o que levou ao estabelecimento de uma classificação tipológica ternária — lançada por August-Wilhelm Schlegel (1767-1845) em 1818 e refinada por autores como Wilhelm von Humboldt (1767-1835) e August Schleicher (1821-1868)¹ — que dividiu as línguas em isolantes (ou monossilábicas), aglutinantes (ou de afixação) e flexionais de acordo com a sua estrutura morfológica. Estas classificações são apresentadas como hierárquicas, sendo o tipo flexional claramente percebido como superior. Auroux (1995, p. 80) não hesita em sugerir que esses comparativistas desenvolveram “as bases do que deveria ser chamado de racismo linguístico”.

Que a língua é determinada, pelo menos em parte, por fatores biológicos e fisiológicos, como o nosso sistema articulatorio ou nossa constituição neurológica inata, é uma hipótese dificilmente contestada. Ninguém contesta que a linguagem é um fenômeno complexo que interage com fatores fisiológicos, psicológicos e sociais. Só que, é claro que a linguística reservou um lugar muito mais central para o estudo da linguagem como um fenômeno psíquico ou como um fato social do que para a examinação da linguagem como uma realidade fisiológica ou biológica.

Deste ponto de vista, a segunda metade do século XIX é um período um pouco incomum à medida que muitos linguistas da época como Abel Hovelacque e a escola da linguística naturalista se interessam pela

língua como um organismo vivo e propõe-se ligar a linguística às ciências naturais como um ramo da antropologia. Esses linguistas naturalistas a quem dedicamos uma monografia (Desmet, 1996) se particularizam não apenas pela concepção de língua e linguística, mas também pelos problemas que tematizam. Entre suas áreas de interesse, estão, por exemplo, a localização cerebral da faculdade de linguagem ou a origem da linguagem, que consideram um problema linguístico. Eles consideram a ontogênese (desenvolvimento do indivíduo) como um fiel reflexo da filogenia (o desenvolvimento da espécie) e são particularmente baseados no estudo das línguas dos selvagens e das chamadas raças inferiores para estudar a origem da linguagem. Alguns concluem a poligênese das línguas e a poligênese das raças.

Deve-se notar que essa linguística naturalista nunca foi dominante e tem sido criticada por linguistas histórico-comparativistas como Michel Bréal ou Victor Henry, que se inspiraram no modelo neogramático e dominaram a cena linguística da época. Considerando a linguagem como pertencente ao domínio histórico-social, mais que do domínio fisiológico, os linguistas histórico-comparativistas consideram a antropologia e a linguística como ordens diferentes, entre as quais não há comparação. Eles situam o problema da relação entre línguas e raças – assim como a origem da linguagem que eles se recusam a estudar (Auroux, 2006) – fora do campo da linguística e, portanto, recusam-se a concluir, a partir do parentesco de línguas, o parentesco das raças. No entanto, naturalistas e comparativistas compartilham interesses como o estudo da história da língua ou a classificação das línguas. Eles também admitem toda a desigualdade das línguas, mas apenas os naturalistas concluem a partir desta desigualdade, a desigualdade das raças.

O naturalismo linguístico desapareceu no início do século XX. Na verdade, o principal órgão de publicação da escola de linguística naturalista, a Revista de Linguística e Filologia Comparada, foi publicado até 1916 e Julien Vinson, o último representante da escola, publicou seu último artigo em 1922. O naturalismo e o estudo da linguagem do ponto de vista biológico ou fisiológico foram radicalmente postos em segundo plano – talvez particularmente após excessos políticos a que as teorias raciais conduziram – vimos uma renovação considerável do naturalismo linguístico desde o último terço do século XX. Este é o período durante o qual a neurolinguística se tornou uma disciplina completa. Ela lida com as relações entre os

problemas da linguagem (afasia) e as estruturas cerebrais danificadas que a eles implicam. É bastante surpreendente que os únicos linguistas a se interessarem antes desse problema foram precisamente Abel Hovelacque e a escola de linguística naturalista, cujas atividades se desenvolviam principalmente dentro da Sociedade de Antropologia e da Escola de Antropologia, onde Pierre-Paul Broca se consagrou no estudo da localização cerebral.

O último terço do século XX ainda é o período no qual a biolinguística nasceu e que vai estudar até que ponto a linguagem como órgão mental é determinada pela biologia humana. A idéia da língua como organismo, querida à escola de linguística naturalista, reaparece em obras como *The Language Organ: Linguistics as Cognitive Physiology* de Anderson & Lightfoot (2002). Da mesma forma, Pinker (1994) questiona em *The Language Instinct* sobre as bases biológicas e as restrições inatas que podem estar na base da aquisição da linguagem. O trabalho de síntese *Biolinguistics: Exploring the Biology of Language* de Lyle Jenkins (2001) nos mostra como a base parcialmente biológica da pesquisa sobre a aquisição de linguagem, que Noam Chomsky e a gramática gerativa deram o ímpeto necessário ao organizar uma reunião internacional no M.I.T. em 1974 sobre o tema da biolinguística, um tema que continua a interessar Chomsky (2006) e o gerativistas. Incluindo um último exemplo dessa renovação do naturalismo, o caso de tipologistas como Bickerton que argumentam que o estudo do crioulo nos permite voltar até a origem das línguas e da faculdade da linguagem. Se a genética moderna significou que já não pensamos mais no mundo em termos de raças, não se pode negar que o naturalismo linguístico está atualmente experimentando um certo renascimento.

Em vez de analisar as especificidades desses naturalismos recentes – um objetivo perseguido por várias outras contribuições para esta questão da HEL – propomos oferecer aqui uma reconstrução do modo como Abel Hovelacque e sua escola conceberam a relação entre línguas e raças. Na medida em que a hipótese da desigualdade racial, bem como a da desigualdade das línguas eram bastante difundidas no século XIX, é legítimo perguntar se havia algum paralelismo no tempo entre essas duas hierarquias e como, por exemplo, nós concebemos a possível relação entre as classificações étnicas e linguísticas. Essas questões se encaixam na problemática mais da relação entre linguística e

antropologia, que nos leva ao problema da importância relativa dos dados étnicos e linguísticos para as ciências humanas.

Nos trabalhos dos cientistas da época, podemos notar pelo menos dois tipos de respostas muito diferentes, que serão apresentados através das figuras de Paul Broca (1824-1880) e Ernest Renan² (1). Broca, da sua parte, conclui com a prioridade dos dados físicos para a pesquisa antropológica e concede apenas um papel secundário à linguística. Renan, por outro lado, reserva um lugar central para a filologia e o estudo das línguas e parte da ideia de que a história humana é muito mais determinada por fatores culturais e espirituais (aos quais é relacionado dados linguísticos) do que por elementos puramente físicos e biológicos. A análise dos escritos de Abel Hovelacque (1843-1896) e da escola de linguística naturalista (2), para a qual nós reservamos a parte central dessa contribuição, nos revelará que há também uma terceira maneira de abordar o problema em questão. Hovelacque atribui de fato uma importância semelhante aos traços físicos e aos traços linguísticos, que são para ele da mesma natureza. Ao contrário de Broca e Renan, ele classifica a linguística entre as ciências naturais e concebe a língua como um organismo vivo.

2. Broca vs Renan ou a questão da importância da Ciência da Linguagem para as Ciências do Homem

Ao fundar a Sociedade de Antropologia de Paris em 1859, Paul Broca propõe criar na França um fórum em antropologia, do qual ele será um dos promotores mais importantes e que ele definiu como o estudo da raça humana em relação ao resto da natureza, problemática na sua opinião, muito pouco tematizada nas ciências humanas:

A humanidade também forma na natureza um daqueles grupos em conjunto nos quais a unidade do tipo fundamental é traçada em meio às variedades sem muitos dos personagens secundários; e a ciência que estuda este grupo natural deve levar o nome de Antropologia, nenhuma outra ciência tem o direito de contestá-la. Antropologia poderia, estritamente falando, ser definida como a história natural do homem (BROCA, 1866, p. 277).

A antropologia, como concebe Broca, é uma antropologia essencialmente física. Essa predileção por fatos anatômicos e fisiológicos deve-se provavelmente por sua formação médica e sua prática cirúrgica e patologista no início de sua carreira. Os primeiros membros da Sociedade de Antropologia foram também quase todos médicos. É compreensível, portanto, que se reserva a cadeira de antropologia anatômica na criação da Escola de Antropologia em 1876.

Através do seu trabalho em antropologia fisiológica, Broca toca regularmente em problemas relacionados à linguagem. Seu interesse em linguística se manifesta mais claramente em seus estudos sobre antropologia descritiva. Este ramo da antropologia, também chamado de etnologia ou ciência das raças humanas, é dedicado à identificação de diferentes raças ou variedades humanas. Uma das tarefas essenciais da antropologia descritiva é determinar o valor antropológico exato de todos os caracteres que poderiam ser usados para a determinação e classificação das raças. Na medida em que alguns autores como James Cowles Prichard (1843) ou Honoré Chavée (1862) propuseram basear a classificação de raças em características linguísticas, Broca foi levado também a decidir sobre o valor de caracteres extraídos das línguas para a etnologia. Para fazer isso, Broca baseia-se em um princípio usado nas ciências naturais, o chamado princípio da subordinação de caracteres, que consiste em dar primazia aos caracteres que apresentam mais fixidez. O resultado de sua análise é que os caracteres mais imutáveis e permanentes podem ser encontrados entre os caracteres físicos.

Aos olhos de Broca (1862; 1866), os caracteres linguísticos não exibem a mesma permanência em todos os momentos, o que leva à concluir que “demonstrar a alteração do tipo físico e demonstrar a conservação do tipo linguístico são duas tarefas igualmente difícil” (BROCA, 1866, p. 292). Ele especifica imediatamente que não focaliza a faculdade da linguagem articulada, que é tão imutável quanto os caracteres físicos, mas sim a própria linguagem:

Não falo aqui da faculdade da linguagem articulada, que é parte integrante do homem, e que é um dos atributos mais característicos da humanidade, mas da própria linguagem em si, que é a manifestação dessa faculdade. É tão imutável

quanto o órgão do qual depende, enquanto a língua é modificada e transformada de acordo com os eventos políticos e condições sociais (BROCA, 1862, p. 283).

Segundo Broca, a língua está sujeita a alterações de dois tipos, a saber, as alterações espontâneas, introduzidas por gerações posteriores, e alterações acidentais ou ocasionais, que são o resultado de circunstâncias políticas e sociais. As alterações do primeiro tipo são apenas de natureza secundária, na medida em que elas ocorrem muito lentamente, seguindo certas regularidades e “não afetam a constituição essencial da língua” (BROCA, 1862, p. 290)³. Broca está interessado, sobretudo, em alterações do segundo tipo, que são muito mais rápidas e abruptas e podem até causar a supressão de uma língua ou à substituição de um novo idioma pela língua original de uma nação. Na maioria dos casos, essas substituições são o resultado de agitação política, imigração ou conquistas. Nesses casos, as características físicas de ambas as populações inevitavelmente se fundem e resultam em uma população cruzada, que é mais próxima ao tipo físico da raça mais numerosa. Broca (1862, p. 295) observa que não há paralelismo entre as condições que fazem prevalecer o tipo físico e aquelas que fazem prevalecer o tipo linguístico de uma ou outra raça, argumento suplementar para negar a primazia dos caracteres linguísticos. Isso explica por que, por vezes, a língua da menor raça suplanta a da maioria, evolução impossível segundo Broca no campo do tipo físico⁴. É por isso que Broca (1862, p. 317) opõe-se claramente o *fato da linguística* ao *fato da antropologia*.

Tudo isso faz Broca concluir a primazia das características físicas sobre as características linguísticas. Em caso de contradição entre fatos linguísticos e os fatos físicos, devemos dar preferência aos mais recentes⁵. Os caracteres linguísticos não têm a mesma permanência que os caracteres físicos, acresce Broca (1866, p. 293) para considerar as línguas como criações arbitrárias que são o produto da vontade humana: "Não há dúvida de que as línguas, obras do homem, são muito menos estáveis do que a organização, o trabalho da natureza". Vê-se, a seguir, que ele se opõe radicalmente à posição adotada pela escola de linguística naturalista, que se desenvolveu no marco institucional que Broca estabelecera.

Para Broca, a linguística é um dos auxiliares mais valiosos da antropologia descritiva, especialmente em dois casos muito específicos. A linguística é indispensável em primeiro lugar para a classificação de grupos humanos muito próximos (BROCA, 1862, p. 298-299).

Além disso, a etnologia não se limita ao estudo do estado atual das raças humanas, mas também propõe reconstituir as origens, as migrações e misturas ao longo da história dos vários grupos de que a humanidade é composta. Para fazer isso, a antropologia também é baseada em dados fornecidos pela linguística (BROCA, 1862, p. 265). É por isso que Broca (1862, p. 318-319) redefine a relação entre linguística e antropologia da seguinte forma:

A linguística (...) fornece informações à antropologia, não julgamentos, e ela deve intervir em nossos debates, não como um juiz, mas como testemunha.

A questão da importância relativa dos dados físicos e linguísticos para as ciências humanas recebe uma resposta muito diferente de Ernest Renan⁶, que não compartilha nem da concepção de ciência humana, nem a da ciência da linguagem que Paul Broca defende. Isso explica porque – como demonstrou Blanckaert (1996) – Renan rejeitou a proposta de Broca de se juntar à *Sociedade de Antropologia* em sua carta de 30 de janeiro de 1859, que contém a seguinte passagem-chave: "Não virá o dia, obviamente, em que uma mesma sociedade será capaz de reunir cientistas preocupados com as duas partes do problema". Blanckaert (1996, p. 80-81) provou que esta recusa deve ser interpretada não a despeito do seu chamado assentimento supostamente comum à filosofia positivista de Auguste Comte (1798-1857) – como argumentou Harvey (1983) – mas sim à luz da sua concepção muito diferente das ciências humanas. Se Broca está essencialmente interessado no princípio físico da existência do homem, Renan estuda principalmente o princípio espiritual da vida social. Para Broca, a antropologia pertence às ciências naturais enquanto Renan classifica as "ciências da humanidade" entre as ciências históricas, o devir intelectual e moral da família humana mais interessante que a classificação (essencialmente estática) da espécie humana em tipos físicos.

Partindo da ideia de que a história humana é determinada muito mais pelos fatores culturais e espirituais do que por elementos puramente biológicos e físicos, Renan reserva um lugar central para as ciências filológicas, a qual ele relaciona, entre outras, a linguística, a mitologia e a arqueologia. A característica própria destas ciências filológicas é ser histórica: elas tornam possível reconstruir o devir moral e intelectual do homem, que nem sempre sua constituição física permite explicar. Deste ponto de vista, a ciência da linguagem é de crucial importância para as ciências da humanidade. Renan não hesita em defender a superioridade dos dados linguísticos sobre os dados físicos e defende, por exemplo, que os antropólogos jamais teriam sido levados a fazer a distinção entre os povos indo-europeus e os povos semitas se os linguistas não tivessem encontrado a irredutibilidade absoluta de suas respectivas línguas (Renan 1848, 1889, p. 17).

A convicção de Renan de que os dados anatômicos e fisiológicos não são todos de importância secundária para a compreensão da história da humanidade e da civilização é compartilhada pelos membros da *Sociedade etnográfica americana e oriental* (tornou-se a *Sociedade de Etnografia* a partir de 1864), dos quais Leon de Rosny (1837-1914) foi o secretário permanente. Esta sociedade, que se destaca sobretudo em oposição à *Sociedade de Antropologia*⁷, propõe reconstruir a história intelectual dos povos com base no estudo de, entre outros, suas línguas e atribui apenas um papel secundário aos dados antropológicos. Como afirma Blanckaert (1996, p. 76-83), a rivalidade entre as duas sociedades é um indicativo de uma tensão mais fundamental entre duas concepções totalmente diferentes das ciências humanas, cada qual analisando uma das "duas partes do problema".

Renan também se opõe a tirar o que ele chama de conclusões físicas de dados linguísticos:

A língua foi formada em vários tipos diferentes, e o número de línguas maternas pode ter sido bastante considerável. Mas não podemos concluir nada disso sobre as origens materiais da espécie humana, pois a linguagem representa não o primeiro momento da existência material da humanidade, mas o primeiro momento social; as famílias irredutíveis da língua representam para nós, não raças fisiologicamente diferentes, mas

agrupamentos primitivos, que podem não ter sido regulados apenas pela fisiologia (RENAN, 1848, 1889, p. 215-216).

É por isso que Renan se recusa a concluir a poligênese das línguas a partir da poligênese das raças, como aparece em outras discussões que se seguiu à comunicação de Chavée (1862) sobre esse assunto dentro da *Sociedade de Antropologia* e cujo relatório é publicado após o artigo deste último. Renan (CHAVÉE, 1862, p. 208) se opõe explicitamente à ideia de concluir automaticamente uma diferença de língua a uma diferença de raça.

Por outro lado, deve-se lembrar que a observação da irredutibilidade das línguas indo-europeias e semitas levou Renan a se posicionar claramente anti-semita, particularmente em *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques* (RENAN, 1855). Ele também não hesita em classificar de modo mais geral todos os povos sem história e sem tradição escrita entre as raças inferiores, como relata Blanckaert (1996, p. 80):

Se além das raças indo-europeias e semitas, as raças chaimite e chinesas não tivessem aparecido, a humanidade não teria existido no sentido verdadeiramente sagrado dessa palavra, uma vez que tinha sido reduzida a raças inferiores, quase desprovida de faculdades transcendentais que fazem a nobreza humana (RENAN, 1855, p. 504).

3. Abel Hovelacque e a Linguística Naturalista

3.0 Introdução

No debate sobre a importância relativa dos dados físicos e linguísticos para as ciências humanas, Broca claramente concede primazia às características anatômicas e físicas, enquanto Renan está convencido da superioridade dos fatores culturais e espirituais, aos quais ele relaciona os dados linguísticos. A análise da obra de Abel Hovelacque e sua escola de linguística naturalista mostrará que há pelo menos uma terceira maneira de conceber a relação entre a linguística e a antropologia. Ao contrário de Broca e Renan, Hovelacque classifica

a linguística como uma ciência natural e define a língua como um organismo vivo. É por isso que ele considera traços físicos e traços linguísticos como sendo da mesma natureza e, portanto, concede-lhes uma importância semelhante.

Abel Hovelacque pode ser considerado o líder da escola de linguística naturalista, explicitamente inspirada no modelo de August Schleicher (1821-1868)⁸. Titular da cadeira de antropologia linguística na *Escola de Antropologia de Paris* e co-fundador da *Revue de linguistique et philologie comparée* (1867-1916)⁹ com seu mestre Honoré Chavée, Hovelacque se serve essencialmente do quadro institucional posto em prática por Paul Broca para reagrupar em torno dele um certo número de pesquisadores que se propõem também a mostrar a utilidade da linguística à antropologia. Entre os principais membros desta escola, podem ser mencionados entre outros Sigismund Zaborowski (1851-1928), Julien Girard de Rialle (1841-1904), Paul Regnaud (1838-1911), Julien Vinson (1843-1926) e André Lefèvre (1834-1904), que também será o sucessor de Hovelacque na *Escola de Antropologia*. A seguir, oferecemos uma apresentação sintética das concepções linguísticas de Hovelacque (2.1.), depois enfocamos sua abordagem à relação entre língua e as raças (2.2.).

3.1. A linguística como ciência natural

Ao contrário de Broca, que se limitou ao estudo da antropologia fisiológica, Hovelacque defende uma antropologia em sentido amplo e propõe estudar o homem em todos os seus aspectos. Essa alteração de orientação figura no centro do programa proposto pelo movimento do materialismo científico, que se desenvolve especialmente a partir dos anos de 1870 na *Sociedade de Antropologia de Paris* sob a influência de Gabriel Mortillet (1821-1898) e Charles Letourneau (1831-1902)¹⁰. Hovelacque teve um papel muito ativo nas atividades deste grupo e é um dos editores da revista *L'Homme* (1884-1887), que pode ser considerado o órgão do materialismo científico. Esta mudança de orientação aparece mais claramente no programa materialista à frente de *L'Homme* (1884, p. 1-2):

As ciências antropológicas visam o conhecimento completo do homem. Elas incluem: 1º.

Antropologia propriamente dita ou história natural do homem que consiste em: Embriologia, Biologia, Fisiologia psicológica e Anatomia humana. Aos quais devemos acrescentar a Anatomia Comparada dos seres humanos e dos animais. 2º. A Paleontologia ou Pré-história: Origem e antiguidade humana. 3º. Etnologia: Distribuição dos homens no globo. - Estudo de seus costumes e hábitos. 4º. Sociologia: Relações dos homens entre si e com outros animais. 5º. Linguística: formação da linguagem. - Relatório e parentesco das línguas. - Lendas e canções folclóricas populares. 6º. Mitologia: Desenvolvimento de religiosidade. - Formação, história e influência das religiões. 7º. Geografia médica: Ações de clima e fenômenos atmosféricos. - Patologia geográfica e etnográfica. 8º. Demografia: Várias informações humanas fornecidas por estatísticas.

A linguística deve ocupar uma posição central nesta antropologia de sentido amplo, que surge a partir da conclusão que Hovelacque (1893, p. 84) deu à sua conta do trabalho de seu sucessor Lefèvre (1893), intitulado *Les langues et les races*:

No campo da antropologia linguística, nenhuma obra demonstrou melhor, como a fala está em toda parte e sempre em correspondência exata com as necessidades dos homens; e como a evolução da linguagem tem sido paralela, adequada à da própria humanidade; como a linguagem, fator e instrumento de nosso progresso, conecta a natureza à história, a antropologia fisiológica à antropologia moral.

Para Hovelacque, a linguística deve ser (ou tornar-se) uma ciência experimental e, portanto, natural, uma vez que seu objeto entra no campo dos fenômenos naturais.

Esta classificação da linguística entre as ciências naturais leva Hovelacque a se opor aos termos tradicionalmente confusos da

linguística e da filologia. Para ele, a filologia não pode ser confundida com a linguística, uma vez que é definitivamente parte das ciências históricas. Segundo Hovelacque, a filologia é uma ciência histórica que se aplica a documentos e textos de uma mesma língua, necessariamente literária e que não utiliza o método experimental, mas o chamado método crítico ou acadêmico. A linguística, por outro lado, concentra-se exclusivamente no estudo da língua em si e por si mesma:

A língua unicamente constitui seu domínio: a língua como um produto inconsciente, a língua como uma manifestação humana, em uma palavra, a língua funciona naturalmente (...). A própria língua, a língua é unicamente importante para ela, e não para o seu trabalho; ela só tem em vista, apenas os elementos da língua, suas influências recíprocas, suas leis de evolução e os processos morfológicos; a vida histórica escapa ao seu estudo (HOVELACQUE, 1872, p. 107-108).

Ao contrário de Broca e Renan, que consideram a língua como sendo obra do homem, Hovelacque (1885, p. 376) não hesita em classificar a língua entre os organismos naturais vivos que nascem, crescem, murcham e morrem como seres vivos.

Hovelacque apresenta vários argumentos para demonstrar a importância da linguística para as pesquisas antropológicas. Ele insiste, em primeiro lugar, no fato de que a linguagem, ou mais precisamente a posse da faculdade da linguagem articulada, é o único recurso que permite opor homem ao animal¹¹. Nem as características anatômicas e físicas, nem as características chamadas não-físicas, tais como sentimentos, memória, raciocínio ou religiosidade não se mostraram adequadas. A faculdade da linguagem articulada, por outro lado, é o único critério para distinguir o homem de seus irmãos inferiores:

Em nenhum desses, de fato, foi possível encontrar essa faculdade. Basta argumentar aqui as palavras do papagaio, palavras articuladas sem dúvida, mas cuja emissão é essencialmente distinta de uma concepção correspondente; isso significa,

que essa correlação, essa conexão é precisamente a característica da linguagem humana articulada; o papagaio é apenas um eco inconsciente. Por outro lado, essa característica da linguagem articulada é comum a todas as raças humanas (HOVELACQUE, 1876, p. 26).

Além disso, a linguística é útil para o estudo da origem da humanidade e para a reconstituição do pensamento do homem primitivo. Hovelacque considera a origem da linguagem como um processo contínuo e fisiológico, relacionado com o desenvolvimento do homem e conclui que, a linguística, como as outras ciências naturais, mostra que o homem tem a sua origem na evolução de formas inferiores. A faculdade de linguagem não é o resultado de uma criação discreta, mas é fruto do desenvolvimento progressivo de órgãos, ou seja, o desenvolvimento orgânico do cérebro dos primeiros primatas:

Se não podemos aceitar, sem cair em concepções metafísicas e pueris, que a faculdade da linguagem articulada foi um belo dia adquirida pelo homem, sem motivo, sem origem, a partir do nada, temos que aceitar que é o resultado de um desenvolvimento gradual dos órgãos. Isso pressupõe existir antes do homem, antes de ser caracterizado por sua faculdade de linguagem articulada, um outro ser ganhando essa capacidade, ou seja, tornando-se homem (HOVELACQUE, 1876, p. 36).

Um argumento final para defender a utilidade da linguística antropológica é que a ciência da linguagem é uma área a qual se aplica o transformismo evolucionista. De acordo Hovelacque (1878), a evolução das línguas é uma ilustração notável dos princípios darwinianos da luta pela existência e seleção natural. A luta pela existência não é apenas entre as diferentes famílias linguísticas, mas também entre as expressões de uma mesma família, e até mesmo dentro de um único idioma, então a seleção se aplica ao uso de tais e tais palavras (cf. HOVELACQUE, 1885 p. 388).

3.2. As línguas e as raças

Um dos problemas que estava no centro dos interesses de Hovelacque e da escola de linguística naturalista foi justamente a relação entre línguas e raças. Ele se pronunciou primeiramente no debate em torno da poligenia das línguas e raças. Ao contrário de Broca e Renan, Hovelacque segue o exemplo de seu mestre Chavée, que procurou explicar a irredutibilidade de sistemas linguísticos Indo-Europeus e Semitas por diferenças raciais, e que assim concluíram da poligenia das línguas para a poligenia das raças:

Quando duas línguas têm tecidos lexicais tão diferentes, quando os primeiros ecos das influências externas sobre o organismo causam expressões involuntárias e irrefletidas tão diversas, não podemos acreditar em diferenças correspondentes de organização cerebral? (CHAVÉE, 1862, p. 203).

A "constatação" de uma "inevitável concordância entre a organização cerebral de uma variedade primitiva da espécie humana e o gênio particular das suas formas orais" (CHAVÉE, 1857, p. I) permite que Chavée se mova da poligenia das línguas para a das raças, princípio que ele sintetiza da seguinte forma:

Tal cabeça, tal língua, e aqui, por cabeça, eu entendo todas as formas e forças cerebrais de uma raça inteira (CHAVÉE, 1868, p. 442-443).

Hovelacque, por sua vez, também conclui a pluralidade de línguas para a pluralidade de raças e afirma que a diversidade original dos sistemas linguísticos é um indicador da existência de várias raças humanas originalmente distintas¹²:

Sendo a língua um produto da própria natureza, sendo a função de um novo organismo, é evidente que dois sistemas linguísticos irredutíveis entre si indicam dois órgãos produtores diferentes. Não sigamos, portanto, M. Haeckel quando ele diz que são uma única e mesma raça, a dos Indo-

Europeus, Semitas, Bascos, Caucasianos. A linguística nos ensina, e ensina-nos sozinhos, que há quatro raças diferentes; sua diversidade pode ser muito pequena em todas as outras relações além da língua, mas a este respeito é perfeitamente definida e devemos concluir, nós, linguistas, a impossibilidade de uma origem comum (HOVELACQUE, 1876, p. 351).

Hovelacque acredita mais genericamente, na existência de um paralelismo entre línguas e raças, pelo menos no que diz respeito ao período de formação das línguas. A exemplo de Schleicher (1850)¹³, Hovelacque distingue dois períodos bem diferentes no interior da vida das línguas, a saber, um período pré-histórico de formação e constituição orgânica e um período histórico de degeneração. Hovelacque então limita o escopo da máxima "tal língua, tal raça" para esse primeiro período de formação das línguas. Para o período histórico, por outro lado, ele se mostra significativamente mais relutante que Chavée. Ele não compartilha o entusiasmo de Schleicher pela utilidade de caracteres linguísticos na determinação de grupos raciais¹⁴ uma vez que fatores históricos fazem com que diferentes raças falem uma única e mesma língua, até uma única raça pode falar várias línguas diferentes. Assim, deixa claro que a existência de uma língua indo-europeia comum não implica de forma alguma a existência de uma raça indo-europeia e que essa língua pode ter sido falada por indivíduos pertencentes a diferentes e variadas raças: "Se é certo falar sobre línguas indo-europeias, é absolutamente cruel falar de uma 'raça' Indo-Europeia. Essa raça não existe (HOVELACQUE, 1876, p. 341)". É por isso que, como Broca, ele se opõe à confusão de classificações linguísticas e das classificações étnicas¹⁵. No entanto, Hovelacque compartilha o otimismo de Chavée sobre a influência das características raciais na constituição da língua. Se tomarmos o nível do nascimento da língua, Hovelacque (1872, p. 109) acredita que uma diferença de língua necessariamente corresponde a uma diferença de raça:

Voltando ao chamado aforismo "Tal língua, tal raça", se for necessário, por um lado, rejeitar esta máxima falaciosa do ponto de vista histórico, é necessário, por outro lado, reconhecer o quanto

essa mesma máxima é baseada no ponto de vista do próprio nascimento de diversos sistemas linguísticos, dois organismos diferentes em sua constituição que só podem ser diferentes em suas manifestações, e, inversamente, duas manifestações essencialmente diferentes indicando certamente dois organismos essencialmente diferentes.

Hovelacque não hesitou em introduzir certa hierarquia entre as línguas, assim como entre as raças. Para a classificação hierarquizada das línguas, Hovelacque se baseou na classificação morfológica ternária em línguas isolantes, aglutinantes e flexionais desenvolvido por August-Wilhelm Schlegel (1818). À exemplo de Schleicher, Hovelacque admite que esta classificação é embrionária, ou seja, que essas três classes morfológicas correspondem aos três estágios evolutivos pelos quais todas as línguas podem atravessar durante o período pré-histórico. Ele assim postula a existência de uma evolução morfológica universal que vai do simples ao complexo, que ele interpreta ao mesmo tempo como uma evolução do inferior para o superior. É por isso que ele qualifica as línguas isolantes e aglutinantes como “classes inferiores” (HOVELACQUE, 1876, p. 38-39).

Hovelacque também acredita na existência de raças inferiores. Assim, em sua obra sobre *Les débuts de l'humanité* (os primórdios da humanidade), Hovelacque (1881, p. I) parte da ideia que “ainda hoje encontramos populações humanas que são a imagem viva de antigas raças pré-históricas” e propõe estudar “essas populações estacionárias que apresentam aos nossos olhos uma imagem fiel da civilização humana primitiva” (HOVELACQUE, 1881, p. II). Seus estudos destas populações primitivas, incluindo em particular os australianos, habitantes da Terra do Fogo e os bosquímanos, baseiam-se em uma hierarquia sistemática de características tanto físicas quanto intelectuais e morais. Para cada um desses personagens, Hovelacque argumenta que as raças primitivas ocupam uma posição intermediária entre o homem e o macaco e, às vezes, são ainda mais próximas do precursor dos símios que do homem. Numa perspectiva tipicamente eurocêntrica, a raça branca ocidental é representada todas as vezes como o modelo perfeito do homem (RICHARD, 1993, p. 72-73). Para mostrar o quanto

Hovelacque estava convencido da desigualdade das raças, basta reler sua descrição da mulher bosquímana. O estudo da forma do crânio leva, por exemplo, a comparar o perfil da mulher bosquímana ao do orangotango. Ele tira a seguinte conclusão, o que lhe permite, simultaneamente, reafirmar seu anticlericalismo¹⁶: “Em suma, figura triste e bestial, que difama a imagem do Criador se, como é afirmado, fez o homem à sua imagem” (HOVELACQUE, 1881, p. 225).

Hovelacque chega ao ponto de estabelecer uma ligação direta entre a hierarquia das línguas e a hierarquia das raças. Ele considera o grau de complexidade morfológica de uma língua como um índice do desenvolvimento intelectual e cultural dos falantes e, portanto, considera as raças que usam uma língua isolante ou aglutinante como inferiores em comparação com os indo-europeus, uma ideia que continuará a ser desenvolvida por André Lefèvre. Em seu estudo sobre os negros da África acima do Equador (Senegâmbia, Guiné, Sudão, Alto Nilo) Hovelacque (1889) conclui, em primeiro lugar, que os sistemas linguísticos utilizados por estas populações são mais ou menos inferiores. O estudo desses traços linguísticos, bem como de todas as outras características físicas e intelectuais, finalmente leva a afirmar que os negros africanos se caracterizam por um menor grau de desenvolvimento orgânico, intelectual e moral (Hovelacque, 1889, p. 458).

Para Hovelacque (1881, pp. 313-314), a evolução orgânica e o desenvolvimento intelectual e moral são apenas dois lados da mesma realidade:

Mas o que! Os fatos não falam o suficiente por si mesmos? Este homem primitivo que ainda encontramos atualmente na Austrália, Ceilão, África do Sul, nas florestas da América do Sul, não existia há milhares e milhares de anos na Europa Ocidental? (...) Este é o apoio humano e social da ciência etnográfica: ensina-nos no passado, os deveres do futuro. Conhecemos nossas origens e vemos que o nosso aperfeiçoamento moral está intimamente ligado ao progresso de nossa evolução orgânica.

Hovelacque (1875; 1877; 1881; 1887) é tão convencido da utilidade do estudo das línguas selvagens e das raças inferiores para a reconstrução da origem da linguagem e da origem do homem em geral que ele mesmo formulou suposições sobre a existência de um precursor do homem, que Gabriel de Mortillet chamou de antropóide, o que seria uma forma intermediária entre os sinais antropóides e a espécie humana. G. de Mortillet e Hovelacque tentaram redescobrir características, comparando os macacos antropóides e as raças ditas inferiores¹⁷. No artigo de síntese de Nathalie Richard (1993, p. 65) sobre a “fábrica de precursores”, ela mostra como este precursor do homem toma “os traços de uma encarnação científica do racismo”.

Estes pontos de vista sobre a desigualdade das raças e línguas passam igualmente a questionar as missões católicas e a defender uma nova política colonial, um elemento que figura também o programa dos materialistas científicos. Em seu estudo sobre *Les nègres del’Afrique sus-équatoriale* que termina com uma análise crítica de missões cristãs nessas regiões, Hovelacque (1889, p. 454) é categórico:

O negro africano é uma criança grande a qual não há esperanças de ser encontrada, e (...) nós seríamos estranhamente enganados em pensar que o poder pode mudar de forma profunda (...). Em suma, se arrasta em sua imutabilidade; e o da civilização europeia não se adapta às suas necessidades nem às suas características.

Portanto Hovelacque (1889, p. 459) opõe-se categoricamente a todas as missões cristãs e propõe a criação de uma nova política colonial, cujos contornos permanecem bastante vagos:

O que se pode dizer com experiência adquirida é que a tentativa de impor um povo negro à civilização europeia é pura aberração. Um negro disse aos viajantes brancos que a civilização branca era boa para os brancos, maléfica para os negros. Nenhuma palavra é mais sensata. É impossível negar, onde penetraram as missões cristãs, tanto as protestantes quanto as católicas, trouxeram hipocrisia e um refinamento da

depravação. Isso significa que o destino do negro africano deve deixar-nos indiferentes, e que não devemos considerar fazê-lo beneficiário do nosso progresso? De maneira nenhuma. É pelo menos, de se salvar o conhaque, as missões religiosas e tiros de fuzil por uma “grande criança” crente e inconstante, o que vai levar um longo tempo, ao que parece, para ter as qualidades de um homem feito.

4. Conclusão

Se a hipótese da desigualdade das línguas, bem como a da desigualdade das raças foram difundidas muito além da escola de linguística naturalista, Hovelacque e sua escola foram os únicos a concluir explicitamente a desigualdade das raças advinda da desigualdade das línguas, assim, aproximando os dados linguísticos de dados antropológicos. É precisamente essa aproximação entre a linguística e a antropologia que Ferdinand de Saussure (1916, 1983, p 304-305.) se opõe em seu *Cours de linguistique générale*:

A língua traz luz para a antropologia, etnografia, pré-história? Acredita-se muito geralmente; nós achamos que há muita ilusão nisso (...). Primeiramente, sobre as raças: seria um erro acreditar que da comunidade linguística pode-se concluir a consanguinidade, que uma família de línguas abrange uma família antropológica. A realidade não é tão simples. Há por exemplo uma raça germânica, cujas características antropológicas são muito claras: cabelo loiro, crânio alongado, estatura alta, etc.; o tipo escandinavo é a forma mais perfeita. No entanto, todos os povos que falam línguas germânicas estão longes de atender a essa descrição; assim os alemães; ao pé dos Alpes, há um tipo antropológico muito diferente daquele do escandinavo. Poderíamos admitir pelo menos que uma língua pertence adequadamente a uma raça e que, se ela é falada por povos não-nativos, é

porque ela foi imposta a eles pela conquista? Sem dúvida, muitas vezes vê-se nações adotar ou submeter-se a língua de seus conquistadores, como os gauleses após a vitória dos romanos; mas isso não explica tudo: no caso dos alemães, por exemplo; mesmo supondo que eles tenham subjugado tantas populações diferentes, eles não podem ter absorvido todas elas; para isso, teríamos que assumir um longo período de dominação pré-histórica, e outras circunstâncias que não possuem evidências. Assim a consanguinidade e as comunidades linguísticas parecem não ter qualquer relação necessária, e é impossível estabelecer conclusão de um para o outro; portanto, em muitos casos em que as evidências da antropologia e da linguagem não coincidem, não é necessário se opor ou escolher entre eles; cada um deles mantém seu próprio valor.

Para Saussure, a língua e a raça são realidades muito diferentes para se concluir partindo de uma para a outra. Nos três modos de abordar possíveis relações entre classificações étnicas e linguísticas que apresentamos aqui, Saussure ainda acrescenta uma quarta via, a de concluir que os dados linguísticos e antropológicos são incomparáveis.

Referências

- ANDERSON, Stephen R., Lightfoot David W. **The Language Organ: Linguistics as Cognitive Physiology**. Cambridge, Cambridge University Press, 2002.
- AUROUX, Sylvain. "Le comparatisme en linguistique", **Le XIXe siècle; science, politique et tradition**, Poutrin, Isabelle (éd.), Berger-Levrault, Paris, 67-89, 1995.
- AUROUX, Sylvain. "Les embarras de l'origine des langues". **Marges linguistiques** 11, 58-92, 2006.
- BLANCKAERT, Claude (éd.). Paul Broca. **Mémoires d'anthropologie**, Paris, Place. [Les Cahiers de Gradhiva 12], 1989.
- BLANCKAERT, Claude (éd.). **Des sciences contre l'homme. Volume 1: Classer, hiérarchiser, exclure**, Paris, Autrement, 1993.

- BLANCKAERT, Claude. “Les deux parties du problème”. Renan et l’ethnographie (1848-1865), **Études rénaniennes** 102, 62-89, 1996.
- BLANCKAERT, Claude (éd.) **Les politiques de l’anthropologie**. Discours et pratiques en France (1860-1940), Paris, L’Harmattan, 2001.
- BLANCKAERT, Claude; DUCROS, Albert & HUBLIN, Jean-Jacques, (éd.). “Histoire de l’anthropologie: hommes, idées, moments”, Numéro spécial des **Bulletins et Mémoires de la Société d’anthropologie de Paris** N.S. 1, 3-4, 1989.
- BROCA, Paul. “La linguistique et l’anthropologie”, **Bulletins de la Société d’anthropologie** 3, 264-319, 1862.
- BROCA, Paul. “Anthropologie”, Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales 5, 276-300, 1866.
- BYNON, Theodora. “**August Schleicher**: Indo-Europeanist and General Linguist”, Bynon & Palmer (éd.), 129-149, 1986.
- BYNON, Theodora; PALMER, Frank Robert, (éd.). **Studies in the History of Western Linguistics in honour of R.H. Robins**. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- CHAVÉE, Honoré. **Français et wallon, parallèle linguistique**, Paris, Truchy, 1857.
- CHAVÉE, Honoré. “Sur le parallèle des langues sémitiques et des langues indo-européennes”, **Bulletins de la Société d’anthropologie de Paris** 3, 198-209, 1862.
- CHAVÉE, Honoré. “Anthropologie et linguistique. La pluralité originelle des races humaines, démontrée par la diversité radicale des organismes syllabiques de la pensée”, **Revue de linguistique et de philologie comparée**, 1/4, 432-455, 1868.
- CHOMSKY, Noam. “Trois facteurs dans l’architecture du langage”, **Nouveaux cahiers de linguistique française** 27, 1-32, 2006.
- DESMET, Piet. “La Revue de linguistique et de philologie comparée (1867-1916), organe de la linguistique naturaliste en France”, **Beitrag zur Geschichte der Sprachwissenschaft** 4, 49-80, 1994a.
- DESMET, Piet. “La Revue de linguistique et de philologie comparée (1867-1916), une des premières revues de linguistique en France”, **Orbis** 37, 343-388, 1994b.
- DESMET, Piet. La linguistique naturaliste en France (1867-1922). Nature, origine et evolution du langage, Leuven, Paris, Peeters. **Orbis Supplementa** 6, 1996.

- DESMET, Piet. **“L’idéologie lexicologique d’Honoré Chavée ou l’étude des lois qui président aux variations logiques des mots”**, Desmet, Piet, Swiggers, Pierre & Verleyen, Stijn (éd.), 2007.
- DESMET, Piet; SWIGGERS, Pierre & VERLEYEN, Stijn, (éds). *La linguistique française au XIXe siècle*, Leuven, Peeters. 2007.
- GOBINEAU, Joseph Arthur, de. **Essai sur l’inégalité des races humaines**, Paris, Firmin Didot, 1853-1855.
- HAMMOND, Michael. “Anthropology as a weapon of social combat in Late-Nineteenth-Century France”, **Journal of the History of the Behavioral Sciences** 16, 118-132, 1980.
- HAOUI, Karim. “Classifications linguistiques et anthropologiques de la Société d’anthropologie de Paris au XIXe siècle”, **Cahiers d’Études africaines** 129 / 33-1, 51-72, 1993.
- HARVEY, Joy. **Races specified, evolution transformed: the social context of scientific debates originating in the Société d’anthropologie de Paris, 1859-1902**. Ph.D. Harvard University, Michigan, Ann Arbor, University Microfilms International, 1983.
- HOVELACQUE, Abel. “De l’origine du langage par L. de Rosny”, **Revue de linguistique et de philologie comparée** 3, 102-107. [c.r. de Rosny (1869)], 1869.
- HOVELACQUE, Abel. “La linguistique et la théorie de Darwin”, **Revue d’anthropologie** 1, 107-112, 1872.
- HOVELACQUE, Abel. **Lettre sur l’homme préhistorique du type le plus ancien, sur sa structure, sur ses restes et sur son origine**, Paris, Reinwald, 1875.
- HOVELACQUE, Abel. *La linguistique*, Paris, Reinwald. **Bibliothèque des sciences contemporaines** 2, 1876.
- HOVELACQUE, Abel. **Notre ancêtre, recherches d’anatomie et d’ethnologie sur le précurseur de l’homme**, Paris, Leroux, 1877
- HOVELACQUE, Abel. “La lutte des langues dans l’Europe occidentale”, **République française** du 12 août 1878. Repris dans Hovelacque - Picot - Vinson 1880, 250-264], 1878.
- HOVELACQUE, Abel. *Les débuts de l’humanité ; l’homme primitif contemporain*, Paris, Doin. **Bibliothèque matérialiste** 2, 1881.
- HOVELACQUE, Abel. “Troisième conférence transformiste. L’évolution du langage”, **Bulletins de la Société d’anthropologie de Paris**, 3e série / 8, 371-391, 1885.

HOVELACQUE, Abel. “Notre ancêtre”, **Revue d’anthropologie** 6, 62-69, 1887.

HOVELACQUE, Abel. Les Nègres de l’Afrique sus-équatoriale (Sénégal, Guinée, Soudan, Haut-Nil), Paris, Lecrosnier – Babé. **Bibliothèque anthropologique** 9, 1889.

HOVELACQUE, Abel. **Revue de linguistique et de philologie comparée** 26. 79-84, 1893.

HOVELACQUE, Abel & HERVÉ, Georges. Précis d’anthropologie, Paris, Delahaye – Lecrosnier. **Bibliothèque anthropologique** 4, 1887.

HOVELACQUE, Abel; PICOT, Émile & VINSON, Julien. **Mélanges de linguistique et d’anthropologie**, Paris, Leroux, 1880.

HOVELACQUE Abel et al. (éd.) (s.d.). **Dictionnaire des sciences anthropologiques**. Anatomie, crâniologie, archéologie préhistorique, ethnographie (mœurs, arts, industrie), démographie, langues, religions, Paris, Doin – Marpon – Flammarion. [Publié entre 1888 et 1894]

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts**, Berlin, Druckerei der königlichen Akademie der Wissenschaften, 1836.

JENKINS, Lyle. **Biolinguistics. Exploring the Biology of Language**, Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

JUCQUOIS Guy. “Renan, l’origine du langage et celle des Sémites”, Desmet, Piet, Swiggers, Pierre & Verleyen, Stijn (éd.), **La linguistique française au 19^e siècle** (Orbis Supplementa), Leuven - Paris, Peeters, 2007.

LA CALLE, Antonio de. La glossologie. Essai sur la science expérimentale du langage. Avec une préface de M. Abel Hovelacque. **Première partie. La physiologie du langage**, Paris, Maisonneuve, 1881.

LEFÈVRE, André. Les langues et les races, Paris, Alcan. **Bibliothèque scientifique internationale** 76, 1893.

MAURY, Alfred. **La Terre et l’homme ou Aperçu de géologie, de géographie et d’ethnologie générales**, Paris, Hachette, 1857.

MORPURGO, Davies Anna. “**Language Classification in the Nineteenth Century**” Sebeok (éd.), 607-716, 1975.

PINKER, Steven. **The Language Instinct**, New York, Morrow & Co, 1994.

- POUCHET, Georges. **De la pluralité des races humaines**. Essai anthropologique, Paris, J.B. Baillière & Fils, 1858.
- POUTRIN Isabelle. **Le XIXe siècle**. Science, politique et tradition, Paris, Berger-Levrault. 1995.
- PRICHARD, James Cowles. **Histoire naturelle de l'homme comprenant des recherches sur l'influence des agents physiques et moraux considérés comme causes des variétés qui distinguent entre elles les différentes races humaines** (2 vol.), Paris, Baillière, 1843.
- PRUNER-BEY, Franz. "Recherches sur l'origine de l'ancienne race égyptienne", **Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris** 2, 399-434, 1861.
- PRUNER-BEY, Franz. "Reprise de la discussion sur la linguistique", **Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris** 3, 238-244, 1862.
- RENAN, Ernest. **De l'origine du langage**, Paris, Joubert. [Réédition utilisée 1889, Paris, Calmann-Lévy], 1848.
- RENAN, Ernest. **Histoire générale et système comparé des langues sémitiques**, Paris, Imprimerie nationale, 1855.
- RICHARD, Nathalie. "La revue **L'Homme de Gabriel de Mortillet. Anthropologie et politique au début de la Troisième république**", Blanckaert, Claude, Ducros, Albert & Hublin, Jean-Jacques (éd.), 231-256, 1989.
- RICHARD, Nathalie. "La fabrique du précurseur", Blanckaert, Claude (éd.), 64-79. Rosny, Léon de (1869). **De l'origine du langage**, Paris, Maisonneuve, 1993.
- RUPP-EISENREICH, Britta (éd.). **Histoires de l'anthropologie (XVIe-XIXe siècles)**, Paris, Klincksieck, 1984.
- SCHLEGEL, August-Wilhelm. **Observations sur la langue et la littérature provençales**, Paris, Librairie grecque-latine-allemande, 1818.
- SCHLEICHER, August. Die Sprachen Europas in systematischer Uebersicht, Bonn, König. **Linguistische Untersuchungen II**, 1850.
- SEBEOK, Thomas A. (éd.). *Historiography of Linguistics*, The Hague
- SEBEOK, Thomas A Paris, Mouton. **Current Trends in Linguistics** 13, 1975.
- STOCKING, George W. "Qu'est-ce qui est en jeu dans un nom?" ("What's in a name?" II). **La "Société d'Ethnographie" et**

l'historiographie de l'“anthropologie” en France , In: Rupp-Eisenreich (éd.), 421-431, 1984.

TOPINARD, Paul. L'anthropologie, Paris, Reinwald. **Bibliothèque des sciences contemporaines** 3, 1879 (1876).

WILLIAMS, Elizabeth. **The science of man: anthropological thought and institutions in nineteenth-century France**, Ph.D. Indiana University, Michigan, Ann Arbor, University Microfilms International, 1983.

Notas

* Professor titular de Linguística Francesa e metodologia de ensino de línguas no Departamento de Linguística da K.U.Leuven (Bélgica).

** Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

*** Aluno de Letras na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

¹Veja Humboldt (1836) e Schleicher (1850). Para uma análise comparativa dessas diferentes classificações tipológicas, ver Morpurgo Davies (1975, p. 657-664) e Bynon (1986, p. 135-136).

²Juntamente com essas duas figuras-chave, pode-se citar uma série de autores (menos conhecidos) interessantes, ao mesmo tempo ou antes do problema da relação entre linguística e antropologia. Blanckaert (1996, p. 69-70) menciona as obras de Alfred Maury (1857) e Georges Pouchet (1858), e Haoui (1993, p. 56-57) discute, entre outras coisas, a posição tomada por Franz Pruner-Bey (1861, 1862)

³Segundo Broca (1862, p. 291), a regularidade da evolução linguística explica por que as árvores genealógicas foram estabelecidas na linguística: “As características lingüísticas adquiriram tal grau de precisão que se tornou fácil estabelecer por entre as línguas, as divisões e subdivisões metodicamente perfeitas, para distinguir certo número de braços ou troncos, divididos em ramos, depois em ramos primários, secundários, etc., e para instituir uma taxonomia regular, como positiva, também completa assim como aquele baseado nos caracteres físicos”.

⁴Pesquisas atuais sobre as leis da transmissão de caracteres hereditários, que remontam aos experimentos de Georg Mendel (1822-1884), mostraram que os chamados caracteres “recessivos” podem e superam os chamados caracteres “dominantes” em certas condições especiais.

⁵ Em seu estudo da relação entre classificação linguística e antropológica no século XIX, Haoui (1993, p. 54-59) mostra que essa posição era compartilhada pela maioria dos antropólogos da época.

⁶ Nossa análise da posição renaniana é largamente baseada nos estudos de Blanckaert (1996) e Jucquois (2007) sobre este assunto.

⁷ Sobre o posicionamento social e teórico desta Sociedade de Etnografia, ver Stocking (1984).

⁸ Para uma análise das concepções linguísticas de Schleicher, ver Desmet (1996: 48-81).

⁹ Desmet (1994a) fornece uma análise essencialmente quantitativa da revista. Para uma análise qualitativa deste mesmo periódico, ver Desmet (1994b, p. 349-357).

¹⁰ Sobre o materialismo científico, ver, entre outras, as teses de Harvey (1983) e Williams (1983) e os estudos de Hammond (1980), Desmet (1996, p. 181-222) e Richard (1989).

¹¹ Esta posição será um pouco mais sutil na *Précis d'anthropologie* que ele publicou com Georges Hervé. Afirma-se aqui que nenhum animal possui a faculdade de linguagem articulada, Hovelacque-Hervé (1887, p. 18) também insistem no fato de que “a linguagem do homem não foi adquirida em um determinado momento, de repente, por uma espécie de revelação. Estamos lidando aqui com um fenômeno natural, com um resultado obtido pouco a pouco, pacientemente, sob o impulso da necessidade (...). As condições anatômicas que, no homem, permitem a fala, aparecem parcialmente já no animal”.

¹² Tal posição também se encaixa perfeitamente na ideologia dos materialistas científicos, que descrevem a religião como anti-científica, e que se autodenominam ateus convictos. Veja Desmet (1996, p. 201-208) sobre este assunto.

¹³ Hovelacque (1869, p. 105; 1872, p. 110-112) chega ao ponto de citar as passagens integrais de Schleicher sobre esse assunto.

¹⁴ Topinard (1876, 1879, p. 10) aponta que esta posição lhe permite rejeitar a hipótese alemã de que a língua determina a nacionalidade, uma hipótese que desempenha um papel central no debate sobre a Alsácia, anexada à Alemanha, após a guerra franco-alemã. Esta rejeição do princípio “tal língua, tal raça; tal raça, tal língua” é compartilhada pela maioria dos linguistas franceses da época, sem dúvida parcialmente influenciada pela situação política.

¹⁵ Hovelacque e Hervé (1887, p. 608-609) afirmam sobre esse assunto: “A ciência da linguagem é certamente um dos ramos da ciência geral da humanidade; contribuiu largamente para o desenvolvimento desta última; forneceu aos etnógrafos informações valiosas; inegavelmente emprega o método das ciências naturais; mas não pode pretender prevalecer sobre os ensinamentos da anatomia e da fisiologia, que é, em suma, voltada para os sujeitos de estudo menos rapidamente variáveis”.

¹⁶ Membro do alojamento *Les amis de la tolérance à l'Orient de Paris*, Hovelacque era um livre pensador convicto, assim como todos os materialistas científicos. Hovelacque também teve uma carreira política relativamente importante, marcada pela adesão ao socialismo liberal e a oposição ao clericalismo e à monarquia.

¹⁷ A ideia de que havia um “elo perdido” conectando homem e o macaco já havia sido lançada antes, entre outros por Haeckel, que cunhou o termo *Pithecanthropus*. No entanto, o próprio de G. de Mortillet e Hovelacque propõem a não apenas estabelecer a existência teórica de um elo perdido, mas também a descrever suas características específicas.